

# Sete anos depois, dos fantasmas da velha e da nova história

*O mundo não parou desde o 11 de Setembro, antes viu emergir novos protagonistas, nem sempre amigáveis, como se viu a 8 de Agosto, quando a China se mostrou ao mundo na abertura dos Jogos de Pequim e a Rússia enviou os seus tanques para a Geórgia*

**A**lguém se lembra do que se discutia no mundo antes do 11 de Setembro de 2001? A globalização. O que estava na moda era a “altermundialização”, o Fórum de Porto Alegre e as manifestações, por vezes violentas, outras vezes palco de violências, em torno de reuniões como as do G8, do FMI ou do Banco Mundial.

Os atentados do 11 de Setembro mudaram tudo. Traçaram-se outras linhas de fractura, houve divisões na Europa e entre esta e os Estados Unidos, a luta antiterrorista tornou-se uma prioridade política, debates virulentos seguiram-se às intervenções no Afeganistão e no Iraque, velhas regras de segurança interna foram questionadas em nome do equilíbrio entre segurança e liberdade e até à actual crise económica poucos temas conseguiram ganhar espaço na agenda internacional.

Mas acontece que o mundo não deixou de rodar enquanto os Estados Unidos se debatiam com os seus problemas no Iraque e a Europa com a sua paralisante crise institucional. É por isso que, se vímos o que mudou à escala global nestes últimos sete anos, facilmente verificaremos que os palcos das grandes mudanças não foram aqueles por onde andaram os soldados dos Estados Unidos ou da NATO. E que a desordem em que vivemos tem muito mais vilões do que os do costume.

Primeiro, dois velhos impérios voltaram a colocar-se na linha da frente da luta pela hegemonia global ou, pelo menos, da luta pela partilha de áreas de influência.

Um fê-lo por mérito próprio e seguindo o mais discreto dos caminhos: a China. Outro fê-lo por acasos do destino e tirando partido das divisões alheias: a Rússia.

Os chineses tornaram-se numa potência económica de primeira grandeza, reorganizaram as suas Forças Armadas e entraram no restrito clube das potências com capacidade para explorar o espaço. Muitos só deram por isso quando assistiram à abertura dos Jogos de Pequim

e a maioria não sabe sequer como lidar com as ambições de um país a que um regime autoritário devolveu o orgulho patriótico ao mesmo tempo que criava condições para que centenas de milhões de seres humanos saíssem da pobreza.

Já os russos beneficiaram de uma anormal valorização dos seus recursos naturais que permitiu ao Kremlin estimular uma sensível subida do nível de vida dos cidadãos e devolver às suas Forças Armadas meios para que estas recuperassem a iniciativa na sua zona de influência. E não só. Porém, ao contrário da China, a Rússia reivindica um protagonismo que a sua economia clientelar e ineficiente não sustenta a longo prazo. Mas não há dúvida que a via de Putin, em quase tudo semelhante às seguidas pelos senhores de Moscovo nos últimos séculos, se tornou um problema que ultrapassa a fronteira dos países limítrofes.

**C**omo se isso não bastasse, um importante grupo de outros países conseguiu, para fortuna dos seus cidadãos, sobretudo dos com menos recursos, tirar partido do fantasma que tantos combatiam antes do 11 de Setembro, isto é, da globalização. Entre muitos outros de menor dimensão, os maiores vencedores destes anos são a Índia e o Brasil, cada vez mais duas potências económicas (e, gradualmente, também militares) que já não estão apenas a bater à porta dos ricos para pertencer aos seus clubes: já lhes impõem condições, como se verificou recentemente nas negociações (fálhadas) para se chegar a novas regras para as trocas comerciais à escala do globo.

Há sete anos, quando avôios pilotados por suicidas radicais destruíram as Torres Gémeas e uma parte do Pentágono, era já evidente que a esperança numa “nova ordem mundial” que emergira após o fim da guerra fria tinha uma base frágl. A “hiperpotência”, como gostam de lhe chamar os franceses, desde a Somália

que deixara de achar que podia actuar como garante de uma ordem liberal e humanitária, e a forma como os seus actuais recursos militares foram levados ao limite no Afeganistão e no Iraque, mostraram que mesmo a maior potência, actuando sozinha ou em coligação, com Clinton no pré-11 de Setembro ou com Bush no pós-11 de Setembro, nunca poderia nem poderá ser um “polícia do mundo”.

E se o que podia vir do mundo islâmico foi o que mais assustou muitos ocidentais nestes últimos anos, a verdade é que, a par da África subsariana, não foi capaz de acompanhar (com a excepção muito importante da Indonésia) as economias emergentes e de beneficiar das oportunidades da globalização.

Voltámos assim, de certa forma, ao pré-11 de Setembro no sentido em que as forças que determinavam os caminhos da história, e que nunca deixaram de funcionar, nos conduziram a uma nova desordem para que poucos têm resposta - uma desordem que, como se viu recentemente, não só bloqueia as negociações comerciais como impede qualquer reforma séria do sistema das Nações Unidas. E poucos têm respostas para elas, a não ser a esperança de que a humanidade, sentindo que tem com que viver e pode viver em segurança, acabe por preferir, como parecia irreversível até há poucos anos, regimes democráticos e liberais a autocratas mais ou menos esclarecidos.

Até lá apenas sabemos que não desapareceram muitas das ameaças que o 11 de Setembro revelou, antes se lhe somaram as ambições que tomaram corpo a 8 de Agosto deste ano, o dia da abertura dos Jogos de Pequim, o dia em que os tanques russos entraram na Geórgia. Até porque a forma como os líderes europeus e americanos (e aqui referimo-nos tanto ao actual Presidente como aos dois candidatos à Casa Branca) reagiram a estas crises mostraram como se está longe de qualquer consenso.